

A relação do espaço na apropriação de novas tecnologias de comunicação no meio rural

Aline Bianchini¹
João Vicente Ribas²

Resumo

Na pesquisa *Tecnologias de comunicação nas práticas cotidianas: o caso de famílias relacionadas à cadeia agroindustrial do tabaco*, desenvolvida no município de Vale do Sol (RS), uma das propostas de análise sobre as informações colhidas em campo está focada na predileção dos entrevistados sobre um meio de comunicação. As perguntas “qual o seu meio de comunicação preferido?” e “onde você costuma usá-lo?” geraram questões em torno do espaço, tomado a seguir como categoria de análise. A partir das tensões e complexidades espaciais, a exemplo de dualidades como rural e urbano, ou casa e rua, propusemos uma profícua problematização para compreender os usos e apropriações de tecnologias de comunicação. Para tanto, consideramos o aspecto físico dos locais de moradia e trabalho das famílias, e o abstrato, a exemplo da implicação simbólica de outra dualidade: modernidade e tradição. O corpus selecionado para este artigo inclui entrevistas em profundidade e formulários preenchidos por doze entrevistados, além de fotografias produzidas pelos pesquisadores.

Palavras-chave: Comunicação; usos e apropriações; novas tecnologias; espaço; rural.

Introdução

Já superado o engarrafamento das oito horas da manhã na saída de Porto Alegre, estamos sobre o asfalto, em deslocamento até Santa Cruz do Sul. Na paisagem vão esmaecendo-se características urbanas e predominando as rurais. Estamos hoje entre quatro pesquisadores da PUCRS. Chegamos à UNISC para buscar outros três colegas, nenhum com origens campesinas. No meio da cidade, enviamos uma mensagem via celular para avisar que estacionamos dentro da universidade. Todos a bordo da van, percorremos mais 30 quilômetros pela BR 287 e pegamos estrada “de chão”, rumo ao Vale do Sol. Queremos confirmar com a família sua localização exata, para podermos realizar as entrevistas que combinamos para o dia de hoje. Mas não há sinal de telefone. Então, após obtermos referência com um vizinho que passava puxando dois bois (“é lá pra cima”), encontramos a casa. Ao ouvir o motor de nossa condução, os sete membros da família P. perfilarão-se em frente à residência para receber os visitantes. Entramos e sentamos todos na cozinha, entre o fogão e um *rack* contendo televisão e aparelho de som. Não é preciso que ninguém silencie seu aparelho celular para começarmos as entrevistas, eles não tocarão. Mas excetuando a matriarca de 90 anos, todos presentes guardam-nos no bolso.

¹ Doutoranda em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Brasil. Email: li.bianchini@gmail.com.

² Doutorando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Brasil. Email: pampurbana@gmail.com.

Entre idas e vindas como essa, foram seis saídas de campo no total. Preenchemos nove formulários de informações familiares e 35 individuais, entrevistamos 33 pessoas, fotografamos 23 retratos e escrevemos 13 relatos de campo. São resultados da pesquisa *Tecnologias de comunicação nas práticas cotidianas: o caso de famílias relacionadas à cadeia agroindustrial do tabaco*³, que vem sendo desenvolvida em parceria por pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), desde 2014, no município de Vale do Sol, microrregião de Santa Cruz do Sul (RS), Brasil. O presente artigo visa compreender parte destes dados tendo como eixo a questão do espaço, adiante explorada teoricamente. Mais que colecionar números e categorias, vamos agora ao exercício de compreensão.

Quando a pesquisa já estava em andamento em 2015, incorporamos ao trabalho de campo nova proposta metodológica complementar, que se faz pertinente para o interesse acerca do espaço. Neste caso, a utilização da fotografia foi associada às respostas de uma das perguntas do formulário individual. Quando perguntávamos qual o meio de comunicação favorito de cada um, propúnhamos realizar um retrato no local em que a pessoa mais o utiliza. Os resultados propiciaram a formação do corpus de análise deste artigo. Selecionamos preliminarmente os 12 homens e as 11 mulheres, de diferentes famílias, que se dispuseram a ser fotografados. Dentre eles, sete homens e cinco mulheres pertenciam a duas grandes famílias, as quais escolhemos como recorte de análise (as famílias P. e C.). O objetivo é obter informações sobre suas predileções, tanto dos dispositivos quanto dos locais. Indagou-se sobre o tema nos formulários individuais, nas entrevistas e na proposta de se captar uma imagem. Nesta última, mais do que o resultado final, importam as circunstâncias de produção, registradas nos diários de campo.

Acreditamos que deste corpus emergem questões importantes para pensarmos as práticas cotidianas a partir dos usos de novas tecnologias de comunicação. Um exemplo está nos jovens que frequentam os arredores de uma escola do Vale do Sol à noite para obter sinal *wi-fi* e navegar na internet por meio de seus *smartphones*. Esta informação foi obtida em algumas entrevistas quando perguntado onde eles mais utilizavam os aparelhos. Outro exemplo está na senhora que lê diariamente pensamentos de um calendário alemão, recolhida em seu quarto pela manhã. No momento em que sugerimos fotografá-la na intimidade, negou. Ou ainda o pai que, diante da

³Organizada pela Dra. Ana Carolina Escosteguy (PUCRS), financiada por Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior) e CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), a pesquisa é desenvolvida junto à equipe da Dra. Ângela Cristina Trevisan Filippi (UNISC).

pergunta que poderia induzir a uma escolha individual, escolheu como meio de comunicação favorito a televisão, situada na cozinha/sala de jantar, em que todos assistem a novela reunidos.

Uma questão que formulamos *a priori* refere-se ao telefone celular, por parte de mulheres e jovens. A mobilidade nestes casos possibilita uma individualidade mais expressiva? Perceberemos nas fotos que certos indivíduos utilizam o celular em lugares que os separam do restante da família? Por outro lado, a rotina de assistir à TV em grupo colabora para manter a coesão familiar? Estes usos no meio rural geram aproximação para com a cultura urbana?

Como modelo compreensivo tomamos o proposto por Silverstone, Hirsch e Morley (1996), que sugerem categorias de análise para contextos familiares em que ocorrem usos e apropriações de tecnologias de informação e comunicação (TICs). Neste modelo, a noção de economia moral da família serve de referência para entender o “sistema transaccional, implicado dinamicamente no âmbito público da produção e intercâmbio de mercadorias e significados” (1996, p. 44, *tradução nossa*)⁴. Mas faz-se importante observar que essa implicação não é de caráter passivo. Está em jogo a capacidade da família e dos seus membros individualmente de criar e sustentar suas autonomias e identidades. Assim, entende-se que há um processo de criação de valores nas diversas práticas cotidianas, que por sua vez irão compor o que se chama de lar. Aprofundando a questão espacial, para os autores, este processo transforma o que era simples espaço (casa) em lugar (lar). É nessa direção que argumentaremos a seguir.

O espaço rural

Para prosseguirmos, cabe uma breve introdução sobre diferentes noções de espaço. O geógrafo David Harvey (2006) escreveu sobre o espaço como palavra-chave, observando a complexidade de definir o termo, refutando definições definitivas e propondo um problemático ponto de partida. Primeiramente, é preciso considerar três maneiras gerais de compreendê-lo. A categoria do espaço absoluto (*absolute*) refere-se ao que é mensurável geometricamente, calculável. Já o espaço relativo (*relative*) abrange a propriedade privada, as representações e delimitações territoriais, como cidades e estados. Esse designa um duplo sentido: “que existem diversas geometrias para escolher e que a estrutura espacial depende fundamentalmente do que é

⁴ “sistema transaccional, implicado dinamicamente en el ámbito público de la producción e intercambio de mercancías y significados” (Silverstone, Hirsch, Morley, 1996, p. 44).

que está sendo relativizado e por quem” (HARVEY, 2006, p. 272, *tradução nossa*)⁵. Por último o conceito relacional de espaço (*relational*), em que processos o definem. Alguns autores irão denominar como espaço apenas o primeiro tipo, ligado mais à materialidade e à natureza. Já os outros dois, seriam definidos sob o conceito de território, constituído pela apropriação e dominação social (HAESBAERT; LIMONAD, 2007, p. 43). Como vimos acima, com Silverstone, Hirsch e Morley (1996), outros irão utilizar o termo lugar para designar o espaço relacional (essa definição nos interessa especialmente, por considerar o processo).

Conforme propõe Harvey, as três noções podem ser utilizadas de forma dialética, compondo a complexidade requerida pelos fenômenos. Mas apostaremos, junto aos pesquisadores da comunicação, na terceira categoria para desenvolver nossa análise. Pois, no caso do objeto deste artigo, independentemente do entendimento *relativo* sobre o território determinado como Vale do Sol, e do espaço *absoluto* da condição de ruralidade das famílias pesquisadas, propomos compreender justamente a forma como os indivíduos em questão configuram diversas espacialidades (*relacionais*) na apropriação e usos das tecnologias de comunicação e informação. Segundo Harvey (2006), este espaço é definido no processo que o gera. Assim, não pode ser desembaraçado da noção de tempo. O mesmo aplica-se à reflexão sobre identidade. Ao invés de uma definição baseada em um espaço *absoluto*, ou uma que remete a uma representação fixa *relativa*, outra criada em processo espacial *relacional*.

Seguindo essa linha de compreensão e considerando a cultura brasileira, o antropólogo Roberto DaMatta grifa que “sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido” (1991, p. 34). Como exemplos, traz orientações geográficas populares em cidades e no campo de diversas regiões do país. Mas exemplificaremos com a nossa pesquisa: quando pedíamos orientação a transeuntes no Vale do Sol, muitos usavam as diretrizes “para baixo” e “para cima”, o que para nós, forasteiros, não informava nada, pois tínhamos a sensação de estar sempre subindo e descendo colinas, impossibilitados de identificar um grande sítio mais embaixo ou acima. Acontece que não conhecíamos os códigos locais, provavelmente formados mais a partir de concepções históricas e culturais, de organização da região (antiguidade, importância), do que topográficas, ou cartesianas, comuns em cidades tais como Santa Cruz do Sul e Porto Alegre, de onde vínhamos.

⁵ “that there are multiple geometries from which to choose and that the spatial frame depends crucially upon what is that is being relativized and by whom” (Harvey, 2006, p.272).

DaMatta também frisa que a categoria espaço é uma invenção, inseparável da de tempo, que somente possui medida única, coordenada em um sistema oficial, em sociedades totalmente integradas ao sistema ocidental anglo-saxão capitalista. Neste sistema, “o indivíduo é o foco da maioria das ações da vida cotidiana e todos os espaços são marcados individualizadamente” (DAMATTA, 1991, p. 45). A partir desta noção podemos qualificar a indagação sobre o uso do celular por boa parte dos membros das famílias estudadas aqui neste artigo, procurando compreender se o utilizam de forma integrada a este sistema ocidental padronizado. Por outro lado, o quanto características familiares e também de sociedades tradicionais, presentes em comunidades rurais relativamente isoladas como essas, interpõem-se nos usos e apropriações de tecnologias desta ordem? A predominância da coletividade poderá predominar culturalmente? Vejamos o que afirma Roberto DaMatta:

Para nós, modernos, que vivemos em sociedade na qual a parte – o indivíduo – é mais importante que o todo – a sociedade –, o problema estaria sempre no coletivo e na multidão, esses “estados” que seriam o inverso do indivíduo que o sistema consagra como normal e ideal. Para os sistemas tradicionais, porém, esses sistemas em que o coletivo é mais importante que o individual, o problema estaria muito mais nos estados de individualização, que o sistema não consagra como normais ou rotineiros (1991, p. 48).

Desta forma, na análise, procuraremos identificar configurações espaciais que indicam coletividade ou individualidade. Outras duas categorias propostas por DaMatta (1991) referentes ao espaço poderão ser utilizadas. De acordo com o antropólogo, o espaço pode ser *eterno* ou *transitório*. O eterno seriam as praças, por exemplo, com sua importância histórica solidificada em monumentos. O transitório seria o espaço problemático, não estruturado, marcado pela passagem, como a rua do colégio do Vale do Sol, onde os jovens param à noite para acessar a internet via *wi-fi*, de graça⁶.

Estas noções espaciais ligam-se na sociedade brasileira a duas instâncias importantes que marcam comportamentos diferentes e até antagônicos, a *casa* e a *rua*. Na primeira, o conservadorismo pauta os discursos, enquanto na segunda, há certo liberalismo moral. Haveria, portanto, inclusive, uma diferença ética conforme os espaços. E esta concepção ajuda a interpretarmos as falas dos membros das famílias nas entrevistas que realizamos na *casa* deles. É importante considerar o contexto em que as respostas a nossos questionamentos foram emitidas, para não tomá-las como única versão possível. Mas, para DaMatta, essa observação não é mera

⁶ Um jovem, não contemplado em nossa pesquisa, conseguiu a senha da rede da escola e compartilhou com outros moradores da região.

questão de mudança de contexto. Pois é trivial o fato de que as pessoas mudam de opinião de acordo com as circunstâncias. O antropólogo se refere a espaços, esferas de significação social, que contêm visões de mundo ou éticas particulares: “esferas de sentido que constituem a própria realidade e que permitem normalizar e moralizar o comportamento por meio de perspectivas próprias” (1991, p. 53). Assim, é importante, nesta pesquisa que inclui entrevistas com atores sociais, ter ciência de que as codificações entre espaços distintos são complementares, “o que faz com que a realidade seja sempre vista como parcial e incompleta”.

Para interpretar a dinâmica do mundo rural nas sociedades contemporâneas, Maria José Carneiro destaca que o processo de urbanização das localidades rurais é entendido em certas correntes de pensamento como a generalização do padrão de vida urbano. No entanto, pondera que ocorre a “constituição de novas formas de sociabilidade e de relações sociais sustentadas numa complexa rede de atores sociais que não pode mais ser compreendida pura e simplesmente como um processo de urbanização que se encaminharia na direção da homogeneização espacial e social entre campo e cidade” (2012, p. 9). Assim, emergem novas e diversas ruralidades. A proximidade com a natureza e a atividade agrícola seguem como referência para qualificar o “espaço rural”. Mas para algumas correntes teóricas a dicotomia rural-urbano não se sustenta para qualificar realidades sociais distintas nas sociedades contemporâneas.

Indagamos até que ponto o esgotamento do modelo urbanizador nos possibilitou um olhar crítico no sentido de nos liberarmos da imagem hegemônica do rural como espaço da tradição e impermeável a mudanças, e, assim, passamos a reconhecer, também no chamado mundo rural, uma diversidade de dinâmicas e atores sociais (CARNEIRO, 2012, p. 12).

Na história do Brasil, seguindo o pensamento da autora, a separação original e radical entre campo e cidade não teria acontecido conforme na Europa. Pois o modelo da grande propriedade e da escravidão no período colonial já promovia a intersecção entre rural e urbano. Não houve uma vida tradicional isolada, conforme os camponeses europeus durante o Feudalismo, que serve de modelo para caracterizar o rural arcaico e sem contato com a urbanização. No Brasil Colônia, era a cidade que dependia do campo, o que marcaria nossa cultura, com traços aventureiros avessos à ética do trabalho, assim como dependente da hierarquia patriarcal dos grandes proprietários de terras. Carneiro cita o brasilianista Sérgio Buarque de Holanda, para quem a cultura da personalidade e dos privilégios marcou de forma indelével a identidade brasileira. Nesta sociedade que se constituiu pelo domínio português e

espanhol, a hereditariedade não determinou tanto as relações quanto a eminência própria. “A abundância dos bens da fortuna, os altos feitos e as altas virtudes, origem e manancial de todas as grandezas, suprem vantajosamente a prosápia de sangue” (HOLANDA, 1995).

No entanto, observamos um contexto particular na sociedade que estamos estudando, em pequenas propriedades do Vale do Sol, no sul do Brasil. Trata-se de descendentes de imigrantes alemães, terceira e quarta gerações, plantadores de tabaco. O modo de vida e de trabalho foi passado de pai pra filho. Confirmamos esta realidade em campo obtendo informações sobre a produção de fumo em cada propriedade, sobre como se perpetua.

Desta forma, não será o tipo ideal do brasileiro descrito por Buarque de Holanda que representará a cultura dos agricultores que estamos estudando. Não será o elogio ao ócio, à meritocracia ou a falta de solidariedade. Talvez o contrário, considerando que a tradição familiar de produção é comparável ao modelo feudal e contíguo à tradição alemã. Consideremos para isso que cada família possui um pequeno lote de terra e que sua produção é vendida para grandes empresas fumageiras. Também pudemos notar em campo a cooperação entre vizinhos para o desenvolvimento das plantações.

Em pesquisa realizada na rede de ensino da região de Santa Cruz do Sul, entre 2004 e 2010, Mozart Linhares da Silva percebeu um discurso fortemente germanista, geralmente relacionado à superioridade dos valores agregados como a ética do trabalho, o empreendedorismo, a higiene, a organização da cidade, a religiosidade, entre outros, associados à etnia alemã. Estes valores comumente são contrastados “com o ‘desleixo’ dos luso-brasileiros e afrodescendentes, como a falta de iniciativa para o trabalho, a falta de higiene, a desorganização, a falta de espírito empreendedor, entre outras” (SILVA, 2012, p. 4).

Posto isto, procuraremos observar o quanto as tradições rural e germânica constituem-se como fator importante, oferecendo possíveis resistências à modernidade, representada pelas tecnologias de comunicação. Mas não como um fator determinista, e sim como conjuntural. Notou-se por exemplo, em alguns casos, que os jovens não utilizam a internet para obter informações sobre plantio, colheita ou venda. O jovem Paulo, da família P., sabe muito bem os benefícios da rede de computadores para fazer um bom negócio, pois a utiliza para equipar sua motocicleta, com a qual passeia aos finais de semana ao lado dos amigos. Mas quando se trata do trabalho na propriedade familiar, segue o modo aprendido com o pai. Negocia com as mesmas empresas que a família sempre negociou, da mesma forma, através do contato direto com

representantes. Na entrevista que fizemos com Paulo, notamos que o rapaz não credita importância para a internet no trabalho, apenas no lazer.

Faz-se necessário pontuar que aqui, também, não cabem dualidades instrumentais redutoras. Não excluiremos na análise a possibilidade de encontrarmos interfaces de ambas as características culturais, tanto da moral do trabalho, evidente na herança alemã, quanto do tipo aventureiro, disseminado na sociedade em que estão envolvidos, mais proximamente com a cidade de Santa Cruz do Sul. Afinal, são comunidades com suas particularidades, mas inseridas na cultura brasileira e midiática.

A dinâmica entre os fatores rurais e urbanos gera conflitos. Carneiro (2012) observa que podem ocorrer situações de disputa entre códigos competitivos dentro das famílias, como na recusa dos jovens de se submeter ao coletivo. Estes conflitos e outros, como os alavancados pelas apropriações de novas tecnologias de comunicação, transformam o rural como lugar de confluência e ambiguidade, constituindo uma nova ruralidade.

[...] a novidade do rural contemporâneo estaria na combinação, nos mesmos espaços, de atividades tidas até então como “típicas” do meio urbano, tais como as do setor de serviço, com as ocupações “características” do meio rural, ou seja, as agrícolas. Aqui, duas noções surgem como complementares à caracterização desse rural que se inova: a de continuum rural-urbano e a de pluriatividade (CARNEIRO, 2012, p. 23).

Assim, o mundo rural não representaria mais uma ruptura com o urbano. As transformações que ocorrem na atualidade “não resultariam na sua necessária descaracterização, mas em uma possível reemergência de sociabilidades e de identidades tidas como rurais” (CARNEIRO, 2012, p. 24).

Vamos acompanhar o pensamento de Renato Ortiz, quando ressalta que no século XIX instaurou-se a polaridade moderno/tradicional. “Nela o tempo é um fator decisivo: o moderno é posterior e superior ao momento que o antecede” (2015, p. 73). Assim, um implica na anulação do outro.

A existência de jornais e rádios, enfim, o início de uma era de massas, seria a prova incontestada da modernização em curso. Ela debilitaria a coesão dos grupos primários como a família, promoveria a heterogeneidade das opiniões diante da homogeneidade dos costumes [...] O indivíduo moderno seria, nesse sentido, móvel, capaz de escolhas conscientes em relação ao mundo e às coisas, o contrário de seus congêneres, que viveriam ainda de acordo com a tradição e a perenidade das regras rurais (ORTIZ, 2015, pp. 74-75).

Mas no tempo em que vivemos, categorizado pelo antropólogo como modernidade-mundo, observamos a fricção entre instâncias que no passado pareciam imóveis. Agora tornam-se

claramente fluidas. Neste ínterim, Ortiz constata a predominância da figura do espaço sobre o tempo. É sintomático que ao nos referirmos ao *nosso tempo*, usamos a categoria espacial do global: globalização. Assim, torna-se insustentável a antinomia moderno/tradicional. Entre as razões, Ortiz inclui a quebra da linha do tempo, que acaba fragmentando os significados destes termos. Há modernidades múltiplas e diferentes formas de articulação com as tradições. O caso das famílias produtoras de tabaco deixa clara esta diversidade, já que não se adequam estritamente a um modelo de Estado-nação brasileiro, nem se isolam na cultura imigrante perpetuada através das gerações. As TICs inserem-se neste processo.

A apropriação de TICs transformam os limites do lar e da família, na medida em que produzem problemas de controle e regulação, que afetam a constituição de identidades dos diferentes membros, levando em conta diferentes gêneros e gerações (SILVERSTONE, HIRSCH, MORLEY, 1996, p. 45). No modelo compreensivo das apropriações de novas tecnologias, proposto pelos autores ingleses, são distinguidos quatro elementos (ou fases) na dinâmica da economia moral das famílias, no que diz respeito ao sistema transacional de relações midiáticas e mercantis. São eles: *apropriação, objetivação, incorporação e conversão*.

O primeiro processo, da *apropriação*, se dá em relação à posse de tecnologias (objetos materiais) e mensagens (conteúdos), que se tornam autênticos e alcançam diversas significações que promovem alianças e divergências entre os membros das famílias. Importante notar que os significados imputados particularmente a meios e mensagens dentro da economia moral do lar podem não ser os mesmos atribuídos a eles na esfera pública (SILVERSTONE, HIRSCH, MORLEY, 1996, p. 48). O processo seguinte é o mais importante para a análise aqui proposta, o de *objetivação*, pois trata especificamente da questão do espaço. Se expressa no uso e na forma como os objetos são dispostos no entorno espacial da casa, ou em prolongamentos desta. Refere-se à organização e à exposição, dos valores, dos universos estético e cognitivo. Com esta dinâmica de *objetivação* no lar mostram-se nitidamente modelos de diferenciação espacial, tais como privado, compartilhado; feminino, masculino; etc. Estes modelos compõem a geografia da casa. A objetivação “oferece uma base para abordar as formas com que a disposição física e a estrutura do lar definem e contém o funcionamento interno da economia moral” (SILVERSTONE, HIRSCH, MORLEY, 1996, p. 50, *tradução nossa*)⁷.

⁷“ofrece una base para abordar las formas en las que la disposición física y la estructura del hogar definen y contienen el funcionamiento interno de la economía moral” (Silverstone, Hirsch, Morley, 1996, p.50).

Os autores irão expor ainda mais dois elementos, o de *incorporação*, que se refere à forma como as famílias incorporam as TICs em suas rotinas (tempo), e o de *conversão*, que define a relação da família com o mundo exterior. Mas nosso foco se dará sobre a *objetivação*. Para compreender os modelos de diferenciação espacial neste tipo de processo, nos casos das famílias do Vale do Sol, utilizamos a fotografia para apoio metodológico.

Fotografia como método auxiliar de pesquisa de campo

A utilização da fotografia em campo foi inserida nas atividades de pesquisa primeiro como forma de registro, sem pretensão analítica. Mas ao ser associada a um tema específico, a predileção por um meio de comunicação, ganhou importância e gerou relatos dos pesquisadores nos diários de campo, registrando as diversas reações dos entrevistados ao serem convidados a posar para a foto. A realização dos retratos também gerou informações mais qualificadas sobre os locais em que as pessoas usam as tecnologias de comunicação.

Na captação das imagens, mais do que o resultado final, importaram as circunstâncias de produção da mesma, registradas nos diários de campo. José de Souza Martins (2009, p. 11) postula a fotografia como importante documento sociológico, não sem grifar seus desafios. Para o autor, tomar a imagem fotográfica como documento envolve as mesmas dificuldades que há quando se toma a palavra falada, em termos absolutos. No caso de nossa experiência em campo, é preciso refletir sobre a situação em que as fotografias foram captadas. Tratou-se de uma proposta da equipe de pesquisa, em que as pessoas escolhiam como seriam fotografadas. Ou seja, a produção do material é resultado da interação entre o pesquisador e a população estudada. Para Martins, o pesquisador, ao entrar na realidade investigada, interage e altera o conhecimento de senso comum referencial das populações estudadas. Assim, “a informação que obtém está necessariamente contaminada por sua presença” (MARTINS, 2009, p. 14).

Além das informações visuais que a fotografia carrega, nos debruçamos justamente nesta interação com os fotografados. Interessa-nos o que o convite para o retrato gerou no comportamento das pessoas, e que tipo de resposta elas deram. Retomando os relatos de campo, procuramos inferir sobre as dinâmicas espaciais nas relações familiares. Martins (2009, p. 15) afirma que é indispensável ter em conta que o próprio fotografado, em muitas circunstâncias, é um poderoso coadjuvante do ato fotográfico. Importante notar que “a cultura popular da imagem [...] considera lícita a transformação de certos momentos da vida [...] em imagem fotográfica”,

mas considera que outros momentos e situações devem ser interditados à invasão e à visão do fotógrafo (MARTINS, 2009, p. 16). Assim, observando permissões e interdições à fotografia, pode-se obter informações sobre “regras de acesso a situações e espaços sociais”.

Família C.

Nos últimos anos, a produção de leite foi predominando sobre a plantação de tabaco, dando mais retorno financeiro à família C., que vive na zona rural, no Vale do Sol, próximos à rodovia. Eles possuem dois automóveis modelo dos anos 1990 e trator. A estufa para secagem do fumo é convencional. A novidade tecnológica ficou por conta dos *smartphones* dos filhos, adquiridos recentemente. Na casa construída na propriedade que é deles há 44 anos, há hoje quatro aparelhos televisores (sinal via parabólica), cinco de rádio e seis celulares, incluindo os dois novos de uso individual dos filhos adolescentes, com os quais eles acessam à internet. Eles também são os únicos membros da família que utilizam computador de mesa e *notebook*. A casa ainda contém dois DVDs, um vídeo-game, um telefone fixo e assinatura dos três jornais locais.

A casa dos C. abriga sete pessoas⁸, de três gerações. O responsável pela introdução da tecnologia de informática no lar foi o filho mais velho, Maurício (19 anos), o único que cursou escola técnica agrícola. Além de um computador e um *notebook*, utiliza um aparelho *smartphone*, adquirido quatro meses antes da entrevista que realizamos com ele em 2015. O celular é seu meio de comunicação favorito, de acordo com indagação proposta na pesquisa. Maurício afirma acessá-lo todos os dias, configurando um uso individualizado, para fins de trabalho e lazer, conforme pudemos observar. Explica que usa “pra tudo”: redes sociais, email, telefone, incluindo para tirar dúvidas sobre atividades na roça. O rapaz também relata assistir a televisão sozinho à noite. Diz que é na sala e enquanto pesquisa ou trabalha, “não tem dificuldade de se concentrar, faz ao mesmo tempo tudo”. Mas tem TVs nos quartos também. Já o rádio, admite que ouve somente junto aos adultos, quando estão reunidos.

Seu irmão mais novo, Moisés (15 anos), fez curso de informática e também utiliza o computador, assim como navega na internet por seu *smartphone* novo. Mas na hora de escolher qual o meio de comunicação favorito, cita a televisão, na qual assiste a novelas, esportes, filmes e programas educativos, geralmente acompanhado da avó na cozinha. O jovem descreve sobre o

⁸ Coletamos formulários, entrevistas individuais e fotografias dos seis integrantes da família C., mas por problemas técnicos não pudemos aproveitar as informações da entrevistas gravada com a avó. Mesmo assim ela seguiu em nosso corpus de análise com o material disponível.

hábito familiar de assistirem televisão juntos, tomando chimarrão, enquanto a vó faz comida. Indagado sobre pontos positivos e negativos do meio, Moisés afirma que “às vezes a gente olha bastante novela, pega as bobice, aquilo que os filho xingam os pai; isso de primeira não era assim, agora todo mundo é assim, tudo é retruco, de primeiro era tudo os pais que mandavam, agora os filhos já tão querendo manda nos pais, isso é tudo fruto da novela”. Sobre a internet, revela que acessa diariamente antes de dormir. Mas também comenta diversas vezes que é um lugar onde só tem “bobeira”. Durante o trabalho na roça, não usa o celular. Ao contrário de sua mãe, que leva seu aparelho simples para ver o horário e para casos de emergência.

A mãe dos rapazes e da pequena Mariana (4 anos) também assiste televisão, mas não utiliza a internet. Prefere os jornais, onde lê horóscopo, receitas e notícias. Solange (40 anos) vive no meio rural desde que nasceu. Aprendeu a lidar na roça desde criança, com os pais. Quando perguntada sobre a chegada da televisão em sua casa, passou a lembrar da infância e a comparar com a atualidade: “Porque, agora, tudo mudô. Não é como era antes. Ah, agora a criança não pode trabalhá, tem que só estudá, né. Não, nós naquele tempo tinha que estudava, tinha tempo pra tudo”. E a seguir observa que gostava muito de assistir ao programa da Xuxa. “E, daí, meu pai assistia o Jornal Nacional, né. E, daí, tem aqueles programa que vinha assim, né. Proibido menor de doze anos. Daí o pai só oiava pra nós e tinha que ir pra cama, né. Não podia mais oiá”. “Não é que nem agora, a gente fala, às vez não obedece”. Nesta narrativa, observa-se que o espaço da sala, com a televisão, após o horário do jornal, passava a ser de adultos. Crianças tinham que ir pra cama, sem acesso a meios de comunicação. E compara com os dias atuais: “Agora eles tem aqueles celular grandão”.

A mãe atribui à sogra a viabilização de compra dos computadores da casa e contratação da internet, além de ter sido a primeira pessoa da família a adquirir um celular. Solange não usa internet, mas acha que é “uma coisa boa” e gostaria de aprender. Sobre os hábitos dos filhos com estas TICs, considera que mudaram: “Vão no computador... ondé que tá fulano. Tá no computador. Ondé que tá ciclano, tá no note. E, assim vai indo, no telefone, né. Tudo vai”. É interessante observar a forma como a mãe se refere ao uso, com o verbo “estar”, o que remete a uma ideia de espaço. Quando indagada se ela se preocupa com os filhos usarem bastante os computadores, diz que sim. E relaciona com o fato do filho de 19 anos sair à noite para festas. Dá a entender que a mãe considera “navegar” na internet estar fora também. E o fora, pra ela, seria o lugar da rua, do urbano, do perigo: “a gente se lembra de antigamente, né, não tinha tanta doença,

não tinha tanto roubo, tantos esses banditismo, nada. E, hoje em dia, não dá mais pra sair na rua, na cidade, não sei que lugar... se é cidade grande é tudo perigoso”.

Lembrando uma história marcante, após ser provocada, falou de um sequestro na vizinhança, noticiado pelo rádio. Deu a entender que ficou grudada no aparelho pra saber notícias. Esta história contrasta com suas opiniões negativas sobre os meios de comunicação, da violência, “bandidagem”. Qual será a diferença que Solange projeta em crimes noticiados na vizinhança e outros mais longe de sua realidade, ou até fictícios? Trata-se de uma questão de diferença espacial? Entre o que está perto e é inevitável, daquilo que está e pode continuar longe, ou seja, não precisa entrar na casa pelo celular dos filhos?

Solange afirma que ouve mais rádio do que assiste TV. Pois ouve enquanto cozinha ou lava roupas, sozinha (ouve o padre de manhã, notícias, música – emissoras locais). Considera que não assiste muito a novelas. Acha que a TV atrapalha, porque pede pros filhos algo e eles respondem que já vão: “só um pouquinho”. Como se estivessem em outro lugar.

Seu marido, Valdomiro (50 anos), declara ser entusiasta do celular. Carrega o seu aparelho sempre, mesmo não utilizando-o muito, nem acessando a internet. O jornal, afirmou que lê até caminhando, quando vai buscar na frente da propriedade de manhã. Quanto à aquisição de computadores e internet na família, atribui à necessidade de estudo e trabalho do filho mais velho. O pai acredita que a internet tem dois lados: “tem um lado que é ruim que eles viciam de uma maneira sem fim, e tem um lado bom que tem muitas coisas úteis, aproveitáveis, né, que a internet é aquela coisa”. Sobre os smartphones dos filhos, comenta que “não largam aquilo da mão, grudado naquela internet, é Face, é tudo, é um grude, né. Mas, pra pesquisa e algumas coisa ajuda bastante, tem um lado bom e o outro, tem os dois lado”. Valdomiro narra que os filhos aproveitam “qualquer folguinha” pra “estar” na internet: “em vez de tu ter assim, vamo dizer, um diálogo a mais com eles, sentá assim e conversar e ter uma conversa franca, a conversa deles é com a internet. Então ela tiro vamo dizer aqueles minuto que a gente possa tá sentado aqui tomando um chimarrão, alguma coisa, ... a ideia deles tá lá”. Neste depoimento, fica evidente o entendimento do pai sobre uma fração espacial dentro da família proporcionada pelas TICs, principalmente a internet. Apesar de reafirmar, como os outros membros, o hábito coletivo familiar de assistir à televisão durante as refeições.

O costume coletivo remete à infância da avó. Senhorinha (75 anos) lembra de quando era criança e os pais tinham rádio grande no meio da sala. Lembra inclusive que dançavam com a

música da programação. Depois, o hábito seguiu com a TV em preto e branco. Hoje, na sala onde moram as três gerações, a TV não funciona. Reúnem-se na cozinha. Então, pode-se perceber uma mudança, do hábito de ficar em volta das TICs reunidos em certo horário, como uma atração do dia, para o encaixe da TV na hora do almoço ou da janta, cedendo espaço, após, para que cada um procure usos individualizados.

Senhorinha lê bastante jornal, onde também consulta o horóscopo e completa palavras-cruzadas. Em sua opinião, a TV e o rádio não atrapalham em nada. Nota-se que ela era bem ativa socialmente, participando de atividades, jogos e festas em clubes e grupos da região. Agora “está mais caseira” [sugere que é pelo estado de saúde do marido de 78 anos]. A avó não acessa a internet, mas gosta quando os netos mostram vídeos e fotos pra ela. Respondendo à questão sobre seu meio de comunicação favorito, menciona o telefone. Senhorinha admite não ser muito “ligada nessas coisas” de tecnologia, mas segundo ela o telefone permite que “se valha” sozinha. Sua declaração demonstra uma valorização da individualidade.

Sabe-se que a família C. separou-se em dois núcleos durante alguns anos, vivendo em duas casas. O casal de segunda geração mudou-se numa época, após casarem-se. Mas retornaram pra mesma casa que a primeira geração sempre habitou. O filho mais velho ficou com os avós durante o período. Este ponto importante na história de vida da família talvez represente também uma separação de pontos de vista sobre a apropriação das TICs. Enquanto a mãe dos jovens apresenta-se mais conservadora e tentando manter união no lar, defendendo-o dos “perigos lá de fora”, a avó demonstra simpatia pelas novidades e pela autonomia, tanto dela quanto dos netos.

Família P.

Na propriedade de 18 hectares onde habitam há 46 anos, os P. cultivam, além do tabaco, milho, feijão, batatas doce e inglesa e hortaliças. Assim como na família C., a casa abriga três gerações: o casal Sigfrid (47 anos, herdou a propriedade) e Adéria (45 anos); Paulo (25 anos) e Jonatan (18 anos), filhos do casal; Amália (90 anos), mãe de Sigfrid; e Angélica (23 anos), esposa de Paulo, que se mudou para lá após o casamento⁹. A família não possui acesso à internet em casa, mas assina um jornal local, possui antena parabólica, telefone fixo, um aparelho celular

⁹ No Vale do Sol é bastante comum o filho mais velho herdar a terra e cuidar dos pais na velhice. Quando visitamos a família P., Paulo e Angélica estavam por começar a construção de sua casa ao lado da casa de Sigfrid e Adéria.

por morador, com exceção da avó¹⁰, além de duas televisões, um DVD, um *notebook*, um computador de mesa, um *tablet*, um videogame e dois rádios.

Em nossa segunda visita aos P., sentamos em roda na ampla cozinha e, tomando chimarrão oferecido por eles, realizamos uma conversa inicial com todos os moradores da casa. Nesta oportunidade, dissemos aos entrevistados que gostaríamos fotografar cada um deles após as entrevistas. A sugestão causou riso em alguns, porém nenhuma resistência.

A entrada do computador na família P., assim como na família C., também se deu a partir dos filhos. Ambos com o Ensino Fundamental completo, hoje Paulo e Jonatan não estudam mais. Trabalham na propriedade da família. O primeiro, que trabalha com agricultura e mecânica (especialmente motos), fez um curso de informática no centro do Vale do Sol. Já Jonatan, que se intitulou agricultor especialista no cultivo de tabaco, realizou um curso de manipulação de abelhas. Quando questionados sobre suas preferências de lazer, nenhum dos dois citou qualquer atividade envolvendo meios de comunicação – todas elas diziam respeito a atividades fora de casa, ao ar livre, e na companhia de outros.

Jonatan, o irmão mais novo, tem como meios favoritos a televisão e a internet, que costuma acessar através do celular e do *tablet*, conectando-se, em média, duas vezes por semana, à noite, após o trabalho. A falta de sinal em casa faz com que o jovem se desloque até a escola do povoado onde, nos arredores do prédio, têm acesso à rede *wi-fi* da instituição – uma prática partilhada pelo irmão e pela cunhada. O site que mais acessa é o da rede social Facebook. Já em relação à TV, que assiste diariamente, à noite, na sala de estar, Jonatan tem como emissora predileta oSBT. O meio de comunicação escolhido para a fotografia foi o celular. Não havendo possibilidade de deslocamento até o lugar onde Jonatan utiliza o aparelho para conectar-se à internet, a foto foi tirada no quintal em frente à casa, ao ar livre.

Já Paulo, o filho mais velho da família, relata que tem como meio predileto o telefone, deixando claro que a preferência inclui o aparelho conectado à internet. Para Paulo, as funcionalidades mais importantes do telefone são as mensagens SMS e o acesso ao Facebook e ao WhatsApp. Em função da falta de sinal, o entrevistado, assim como seu irmão, tem acesso à rede apenas nos arredores da escola do povoado, através do celular – local em que também

¹⁰O sinal de celular não chega até o local, porém a posse dos aparelhos independe disto. Em casa, os aparelhos são utilizados para jogos, fotografias e música. São utilizados para ligações quando os membros da família se deslocam até o centro do município ou até Santa Cruz do Sul, ou quando vão até as proximidades da escola do povoado com o intuito de se conectarem à rede *wi-fi* do local – sendo esta última prática exclusiva dos jovens da família.

consegue sinal de 3G. Vale ressaltar que, diferente da família C., na qual se tem acesso à internet em casa, não ouvimos na família P. relatos sobre uso excessivo das tecnologias digitais.

Com relação ao consumo de televisão, Paulo afirma que assiste novela com a avó por respeito a ela. Segundo ele, Amália gosta de reunir todos os integrantes da família para assistirem novela com ela na televisão da cozinha, à noite – relato muito semelhante ao de Senhora C., que também faz questão de reunir os familiares para a assistência da TV. Em contraponto a este consumo coletivo de conteúdo televisivo, que acontece diariamente, Paulo assiste sozinho, no aparelho do quarto, ao Pânico na TV – prática que sua esposa Angélica desaprova, afirmando que aproveita este tempo para ficar fazendo croché.

Ao contrário dos demais entrevistados, Paulo não foi fotografado ao lado de seu meio de comunicação preferido. Teve seu registro feito – esboçando um sorriso tímido – ao lado do aparelho de rádio na estufa mais antiga da propriedade, cheia de folhas de fumo, onde uma prática muito importante da família acontece: nos três meses em que o fumo deve ser curtido, para, posteriormente, ser vendido, a família toda trabalha em conjunto nos galpões e estufas. Nesse período, o rádio é o principal companheiro, ou seja, o trabalho com o fumo define uma prática de consumo de mídia de toda a família, graças ao ciclo de produção e à organização do dia de acordo ao trabalho agrícola. A natureza do rádio permite que este seja ouvido sem causar danos ao trabalho – que nessa etapa é extremamente manual e repetitivo. Durante o resto do ano, passam os dias na lavoura, onde a companhia dos meios de comunicação é mais difícil e rara.

Vale ressaltar que na maior parte das famílias pesquisadas no Vale do Sol, inclusive na família P., o consumo de rádio AM aparece, geralmente, quando o rádio é escutado em grupo, com toda a família reunida, em contraponto ao FM, que aparece com um uso mais individualizado. Outro ponto interessante é que quando o celular é apontado como meio para ouvir música – relato exclusivo dos jovens – esta prática não diz respeito ao rádio, e sim, a músicas em formato *.mp3*, baixadas da internet.

Para Amália¹¹, a matriarca, a resposta do meio de comunicação favorito está em seu livro-calendário alemão (*Die Gute Saat*), com mensagens diárias e passagens da Bíblia. Todos os dias pela manhã, na intimidade de seu quarto, a senhora lê seu livro – tradição que herdou dos pais. Após a entrevista, convidamos-la para tirar uma fotografia com o livro. Indecisa com relação ao

¹¹ Amália compreende o português, mas não o fala. Nossa entrevista se deu mediante a tradução de um dos netos, que compreende alemão.

pedido, Amália acabou aceitando após insistência dos netos. Indagamos, então, se a fotografia poderia ser feita em seu quarto, onde costuma realizar a leitura. Ela, porém, desaprovou o pedido. O retrato acabou sendo tirado na cozinha, onde ela assiste televisão. Muito formal, com a postura ereta e semblante sério, Amália se deixou fotografar com o livro nas mãos.

Durante nossas idas a campo, percebemos que o livro, diferentemente dos demais meios pesquisados, em quase sua totalidade é consumido de maneira mais privada, geralmente nos quartos das casas. Além de seu uso apresentar particularidades em relação às faixas etárias¹². Uma idosa menciona, inclusive, a leitura conjunta da Bíblia com o marido antes de dormir. Em contrapartida ao consumo individualizado e bastante privado dos livros, a leitura do jornal acontece em locais variados da casa, porém nunca em ambientes privados. Aparecem, inclusive, relatos de leitura ao ar livre, embaixo das árvores, e, geralmente, com a companhia do chimarrão.

Já Adéria, que vem de família de agricultores e que sempre viveu no campo, tem como meio de comunicação preferido o telefone, pois alega que, através dele, pode falar com os irmãos – todos moram em zonas urbanas e possuem acesso à internet, menos ela. Segundo a entrevistada, os filhos garantiram a ela que a rede proporciona, do mesmo modo que o telefone, comunicação com outras pessoas. Porém, como a internet não está acessível para ela em casa (e afirma não saber “mexer”) o telefone convencional segue sendo seu meio favorito. E é isso que faz dele especial: a possibilidade de manter os laços com os familiares que moram longe: “Eu tenho irmãos morando em Porto Alegre, eu tenho irmãos morando... em Gravataí eu tenho irmão, né. E, se todos, se todos têm telefone eu consigo falá, eu não posso ir lá visitá eles, mas posso falá com eles, por isso que eu gosto do telefone, mas, assim, com, como hoje em dia tá, se eu tivesse internet, eu poderia falá com eles do mesmo jeito” (Adéria P.).

Importante notar que para as mulheres adultas de nossa pesquisa o telefone e a internet se mostraram meios fundamentais para o contato com familiares que moram distantes. São elas que garantem a continuidade das relações familiares à distância. Após a entrevista, Adéria se deixou fotografar com o telefone sem fio no sofá da sala de estar, onde costuma realizar ligações mais longas. Na mesma sala encontra-se o computador de mesa, no qual seu filho mostrou-nos, na primeira visita à família, as fotos da propriedade – o antigo álbum de fotografias, agora digital, porém o mesmo local da casa para mostrá-lo às visitas: a sala de estar.

¹² Entre as adultas, a leitura de livros aparece muito relacionada aos filhos, seja com literatura infantil, seja em livros didáticos escolares; já as jovens tendem a fazer uso deste meio com objetivos profissionais; e entre as adultas e, principalmente, as idosas, a leitura da Bíblia aparece com bastante frequência.

Para Angélica, casada com Paulo, o telefone também é importante, pois permite contato com os pais. Tendo se mudado para a casa da família do marido, a jovem tem no celular a possibilidade de alimentar os laços com a própria família, o que faz dele seu meio preferido. Também considera importante a possibilidade que o aparelho oferece de ouvir músicas, tirar fotos e acessar à internet. Sobre este último ponto, vale ressaltar que a prática do acesso nos arredores da escola ganha, com Angélica e seu marido, um interessante aspecto: apesar do uso do celular na família ser individualizado, no momento de acesso às redes sociais e *chats*, o fazem lado a lado, geralmente dentro do carro. Conforme afirma, chegam a passar de três a quatro horas conversando com amigos online e acessando o Facebook, porém ambos sabem o que o outro está acessando e com quem estão se relacionando no mundo virtual. Para a entrevistada, isso reduz a possibilidade da rede social causar desavenças entre o casal: “o Facebook gosta de cavar muitas brigas, né? Principalmente separação entre o casal, né? Ah, tal pessoa vai te mandá uma solicitação de amizade, aí tu aceita e ela começa falá umas coisinhas assim pra ti, vai dá briga, né. [...] já ouvi até falar de radialistas se queixando que teve que largá o Facebook porque causou intriga com a mulher”.

Simpática, sentada no sofá da sala de estar, Angélica foi fotografada com o celular na mão, enquanto a tela do aparelho revelava seu jogo favorito. Durante nossa interação com a entrevistada, esta se mostrou bastante retraída. No ato de ser fotografada, entretanto, não demonstrou timidez, “talvez até alguma naturalidade”, nas palavras do relato de campo produzido pelo pesquisador que fez o retrato.

Por fim, o pai da família, Sigfrid¹³, tem como meio de comunicação favorito a televisão. A cozinha, local em que a família mais se reúne, é onde o agricultor costuma assistir TV – diariamente à noite e, às vezes, também ao meio dia e pela manhã. Na foto, tirada ao lado da televisão da cozinha, Sigfrid se mostra um pouco tímido em frente à câmera – enquanto, na tela do aparelho, podemos ver um programa de entretenimento. Além da televisão, Sigfrid ainda costuma ouvir rádio no galpão, pois afirma que na cozinha o aparelho “não pega” por interferência das lâmpadas; ler jornal à noite, já que, segundo ele, o jornal é muito disputado no horário do almoço; e jogar no computador, talvez sua prática mais individualizada com os meios.

Considerações finais

¹³ O áudio da entrevista de Sigfrid foi corrompido e, portanto, não foi possível transcrever o trecho em que ele fala sobre seu meio de comunicação favorito.

Retomando a noção espacial relacional (HARVEY, 2006), observamos que as TICs influenciam na configuração das casas, enquanto lugares de convívio familiar e ao mesmo tempo, em certas situações que relatamos, de segmentação em nome das individualidades. Talvez este processo não seja exclusivo da inserção de novas tecnologias, visto que os livros representam para as gerações mais velhas o momento de consumo individualizado e privado em seu dia a dia. A diferença estaria na regulação. Pois os produtos impressos são mais passíveis de controle dos pais, cônjuges e familiares, enquanto o acesso à internet representa “entrar em um mundo de infinitas possibilidades”.

Dentro da *casa* (DAMATTA, 1991) há uma rigorosa gramática do espaço. Na cozinha de ambas famílias, C. e P., os integrantes respeitam a vontade das avós, o membro mais velho do grupo, o que influencia nos hábitos alimentares e de assistir televisão. Em entrevista, os netos revelaram acompanhar a audiência de novelas naquele espaço. Aquele também é o local de receber visitas. A *casa* é o espaço da harmonia, da intimidade, da hospitalidade perpétua. Enquanto a *rua* é local de individualização, de luta, de malandragem, e de contradição. A contradição na *casa* causa mal-estar, deve ser evitada. O hábito dos jovens de utilizar a internet portando seus celulares próximos à escola, na rua, longe de casa, indicaria coerência no sentido de uma cultura tradicional brasileira. Mas é preciso considerar que estas famílias vivem um contexto social-histórico de interfaces entre ruralidades e urbanidades (modernidades).

Observando os jovens, os da família C. vivem entre as orientações e preocupações da mãe, que teme “os perigos lá de fora” (incluindo o conteúdo dos meios de comunicação), e o encorajamento da avó, que se entusiasma com o potencial das novas tecnologias. Importante notar que eles têm amplo acesso às TICs, pois moram próximos à rodovia. Já na família P., que residem mais isolados no meio rural, há uma separação mais clara entre o convívio coletivo na rotina familiar, mesmo quando se trata de assistir à televisão, e os momentos de individualidade fora da casa, quando buscam acessar à internet.

Outro aspecto que vale ser ressaltado tem relação com a preferência da entrevistada Angélica P. pelo telefone celular, meio que garante a comunicação com a sua família de origem. Tomando a ideia de Winocur (2009), que nos diz que o celular nos permite estender virtualmente os laços protetores do lar e que este recria um lar desterritorializado para familiares fisicamente distantes, observamos Angélica ter na comunicação com os pais a mais importante função do

telefone. Mesmo alegando não gostar de atender chamadas, ainda assim, considera este meio seu preferido, sendo a comunicação com seu “local” de origem a razão dessa preferência.

Com este artigo buscamos compreender os usos e apropriações de tecnologias de comunicação pelas famílias agricultoras pesquisadas a partir de tensões e complexidades espaciais. Sabemos que não podemos esgotar as reflexões em tão poucas páginas. Contudo, almejamos ter esboçado as linhas iniciais para futuros trabalhos, aprofundando ainda mais a temática no contexto rural estudado.

Referências

- CARNEIRO, Maria José. Do rural como categoria de pensamento e como categoria analítica. In: CARNEIRO, Maria José. **Ruralidades Contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X/Faperj, 2012.
- DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. **Etc, espaço, tempo e crítica: Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas**. Rio de Janeiro, n.2 (4), vol.1, 15 ago. 2007. Disponível em: <http://www.uff.br/etc/UPLOADS/etc%202007_2_4.pdf>. Acesso em: 27 set. 2016. pp.39-52.
- HARVEY, David. Space as a keyword. In. **David Harvey: a critical reader**. CASTREE, Noel; GREGORY, Derek (org.). Cambridge: Blackwell Publishing, 2006.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: editora UNESP, 1991.
- MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2009.
- MORLEY, David. **Home territories: media, mobility and identity**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2000.
- ORTIZ, Renato. **Universalismo e diversidade: contradições da modernidade-mundo**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- SILVA, Mozart Linhares da. Educação e etnicidade na região de Santa Cruz do Sul - RS. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, n.2, pp. 340-354, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br>>. Acesso em: 27 set. 2016.
- SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric; MORLEY, David. Tecnologías de la información y de la comunicación y la economía moral de la familia. In: SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric (Eds.). **Los efectos de la nueva comunicación: El consumo de la moderna tecnología en el hogar y em la familia**. Barcelona: Bosch, 1996. p. 39-57